

RECURSOS LINGUÍSTICOS ATUANTES NA FORMAÇÃO DO ESTILO: COMO ELES SE CONSTITUEM EM INDÍCIOS DAS RELAÇÕES INTERGENÉRICAS?

LANGUAGE RESOURCES ACTING IN STYLE FORMATION: HOW DO THEY RESULT IN INTERGENERIC RELATIONS?

Taynara Alcântara Cangussú¹

CANGUSSÚ, T. A. Recursos linguísticos atuantes na formação do estilo: como eles se constituem em indícios das relações intergenéricas?. **Akrópolis** Umuarama, v. 27, n. 1, p. 75-84, jan./jun. 2019.

DOI: 10.25110/akropolis.v27i1.7565

RESUMO: O objetivo deste trabalho foi o de buscar indícios das relações intergenéricas no texto “Como fazer a Dendrobium florir?”, – a priori instrucional – a partir de uma investigação sobre como se desenvolve o estilo desse texto. Para fazer essa investigação, fizemos, em um primeiro momento, projeções a respeito das estruturas linguísticas esperadas convencionalmente para constituir o estilo de gêneros instrucionais e depois contrastamo-las com as utilizadas na atualização estilística feita pela autora do texto em análise. Com esse movimento de análise, observamos que os recursos linguísticos utilizados pela autora nessa atualização caracterizavam estilos de, pelo menos, 3 tipos de gêneros diferentes: (a) os mais dissertativos, (b) os mais pessoais e, por fim, (c) o próprio gênero instrucional. Tal observação corroborou a nossa hipótese de que a atualização estilística constitui-se nos interstícios das relações intergenéricas.

PALAVRAS-CHAVE: Relações Intergenéricas; Estilo; Gêneros Instrucionais.

ABSTRACT: The aim of this paper is to look for evidence of intergeneric relations in “How to make Dendrobium flower?”, - a priori, an instructional text - from an investigation of how the style of this text is developed. In order to make this research, the authors first made projections about the linguistic structures conventionally expected to constitute the style of instructional genres and then contrasted them with those used in the stylistic update made by the author of the text under analysis. With this analysis, the authors could observe that the linguistic resources used by the author in this update uses the styles of at least 3 different genres: (a) the most dissertative, (b) the most personal and, finally, (c) the instructional genre itself. This observation corroborated our hypothesis that the stylistic update constitutes the interstices of intergeneric relations.

KEYWORDS: Intergeneric Relations; Style; Instructional Genres.

¹Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá. Graduou-se em Letras Português e Inglês na mesma universidade em 2013. Professora do Instituto Federal do Paraná.

tay.nara.alcantara@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Após a disseminação das obras de Bakhtin no Brasil, diversos trabalhos (ACOSTA-PEREIRA, 2011; ACOSTA-PEREIRA E RODRIGUES, 2009; BRAIT, 2005; RODRIGUES, 2001; 2005; ROJO, 2005; SOBRAL, 2006, 2009, 2010; dentre outros) fizeram/têm feito críticas a respeito do fato de o conceito de gênero discursivo ter sido/estar sendo interpretado de maneira equivocada, principalmente quando sai dos portões das universidades e alcança as salas de aula.

A queixa, no geral, é a de que essas interpretações estão, na maioria das vezes, ligadas à priorização dos aspectos mais regulares/estáveis em detrimento dos aspectos mais ligados à heterogeneidade e, portanto, mais instáveis dos gêneros. Defendemos que, pelo menos, uma atitude pode contribuir para a mudança desse cenário e, conseqüentemente, para uma melhor interpretação do caráter heterogêneo dos gêneros discursivos: o investimento em reflexões sobre as relações intergenéricas.

Considerando que o aspecto “estilo” do gênero é lugar privilegiado para a apreensão das relações intergenéricas e que esse aspecto se desenvolve a partir da “seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua”, neste trabalho, propomos buscar indícios das relações intergenéricas no texto “Como fazer a *Dendrobium* florir?”, – a priori instrucional – a partir de uma investigação sobre como se desenvolve o estilo desse texto. Para fazer essa investigação, pretendemos analisar os recursos e estruturas linguísticas (estruturas sintáticas, itens lexicais, etc..) utilizadas na construção do texto, fazendo uma diferenciação entre os que são esperados no estilo de gêneros instrucionais e os que não o são. Para cumprir com esses objetivos, faremos, em um primeiro momento, projeções do que convencionalmente é esperado para o estilo desse tipo de gênero e, em seguida, contrastamos com a atualização estilística feita pela autora do texto em questão.

O arcabouço teórico que subsidia as análises se divide em três linhas gerais: (1) quando tratamos de gênero, estilo e relações intergenéricas, mobilizamos os pressupostos teóricos de autores como Bakhtin (2010), Sobral (2006, 2009, 2010), Corrêa (2004, 2006, 2013), Posenti (1999), Abaurre *et al.* (2008), dentre outros; (2) para tratar de gêneros instrucionais especificamente, apoiamo-nos em reflexões de traba-

lhos como Dolz e Scheuwly (2010), Marcuschi (2002), Santos e Fabiani (2012) e Travaglia (2007), por fim, (3) quando fazemos as análises dos recursos sintáticos, lexicais e fraseológicos que compõem o estilo, buscamos respaldo em gramáticas como as de Castilho (2002), Neves (2003), Bechara (2009) dentre outras.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: em um primeiro momento, faremos uma breve discussão teórica sobre o conceito de gênero, relações intergenéricas e estilo. Em seguida, apresentamos breves considerações sobre as projeções sociais a respeito do estilo de gêneros instrucionais e, mais especificamente, das estruturas linguísticas previstas na composição desse estilo. Feito isso, após apresentar o texto a ser analisado, passamos para a análise dos recursos que constituem o seu estilo, contrastando os que consideramos esperados convencionalmente e os que não. Por fim, apresentamos algumas considerações finais.

2. GÊNEROS, RELAÇÕES INTERGENÉRICAS E ESTILO

Partindo de postulados de Bakhtin (2010, p. 280), entendemos “gêneros discursivos” como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, constituídos sócio-historicamente, nas diferentes esferas da comunicação verbal. Grosso modo, os gêneros são assim definidos, porque eles se formam no interior das esferas das atividades humanas, de modo que, quando um enunciado é proferido em uma dessas esferas, apesar de únicos e individuais, eles reproduzem já-ditos que refletem “as condições específicas e as finalidades de cada uma delas” (BAKHTIN, 2010, p. 261). Há, portanto, um caráter de regularidade nos gêneros (daí o uso do vocábulo “tipo” em sua definição), oriundo dessa constante recuperação de já-ditos, ao mesmo tempo em que se tem um caráter de mobilidade (e daí o uso do advérbio “relativamente”), advindo da individualidade e não repetibilidade dos enunciados.

Essa dinâmica entre “velho” e “novo” – própria de sua constituição social – dá aos gêneros a possibilidade de transformação, de influência mútua entre diferentes gêneros, o que acarreta, conseqüentemente, na possibilidade do surgimento de novos (infinitos) gêneros do discurso (Cf. ABAURRE, *et al.* 2008, p. 169). Os gêneros, portanto, nascem, renascem e consti-

tuem-se no seio do que autores (a saber, ACOSTA-PEREIRA E RODRIGUES, 2009; BRAIT, 2005; SOBRAL, 2006, 2009, 2010; CORRÊA, 2004, 2006, 2013 dentre outros) têm chamado de relações intergenéricas.

Esse tipo de relações intergenéricas, porém, não deve ser confundido com o que trabalhos da linguística textual têm igualmente nomeado “relações intergenéricas”. Em trabalhos desse campo, as relações intergenéricas são entendidas, no geral, como um entrecruzamento de formas e funções. Um convite com forma de uma receita se constituiria, nesse caso, em exemplo de relações intergenéricas (Cf. MARCUSCHI, 2001). O conceito de relações intergenéricas que assumimos aqui, todavia, não se restringe a esse tipo de entrecruzamento, mas, ao contrário, abre os seus limites para uma abrangência que alcança o próprio processo de constituição dos gêneros. As relações intergenéricas estariam, desse modo, diluídas na própria constituição dos gêneros.

Por ser constitutiva, é também de difícil apreensão, já que, como lembra Corrêa (2013, p. 209): “não há possibilidade de busca, no passado, de referências textuais precisas, que, como origens de outros dizeres, possam ser descritas, datadas e classificadas”, ou seja, não há como apreendermos, exatamente, quantos e quais são todos os gêneros imbricados na constituição do gênero em análise. O processo de textualização desses gêneros (seja no modo de enunciação escrito ou falado), contudo, deixa “pistas”, “indícios” dessa imbricação. Tais pistas e indícios estão, no geral, materializados em marcas textuais que denotam a “seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua”, ou seja, denotam o estilo. É, pois, por isso, que elegemos esse aspecto do gênero como lugar privilegiado para a apreensão de indícios de relações intergenéricas.

Quando tratamos de estilo, entretanto, posicionamentos são necessários, já que, como lembra Abaurre *et al.* (2008) e Possenti (1999), embora com limites opacos, há diferenças entre o que consideram “estilo de gênero” e “estilo individual”.

O estilo individual, segundo Possenti (1999) atua no âmbito da idiosincrasia; forma-se, segundo ele, a partir de marcas que, na sua presença, faz lembrar o indivíduo. Embora julgue impossível fazer uma diferenciação estanque entre o estilo individual do estilo de gênero,

Abaurre *et al.* (2008) considera importante que se faça distinções, tendo em vista que, segundo ela, estilo de gêneros está mais associado a um construto social a seu respeito; resulta de convenções sociohistoricamente constituídas que faz com que o identifiquemos como “peculiar a uma dada esfera da atividade humana (Cf. BAKTHIN, 2010, p. 283).

Neste trabalho, mobilizaremos a noção de estilo individual nas análises, porém, com um tênue deslocamento teórico: ao invés de concebê-lo apenas como idiosincrasia, entendemo-lo como uma atualização do estilo de gênero; uma atualização que, por se inscrever no elo discursivo, possui também aspecto social, haja vista que, nessa inscrição, “renova”, “recria” o gênero. A noção de estilo individual é, portanto, bastante produtiva para o trabalho de apreensão das relações intergenéricas, posto que, na individualidade dessa atualização, resquícios de outros gêneros são trazidos para os textos.

Embora essa noção seja a mais utilizada nas análises, antes de lançar olhar para o texto em questão, trabalhamos apenas com a noção de “estilo de gênero”. Isso porque, para julgar quais estruturas desse texto seriam próprias ou não de um gênero instrucional, precisamos, antes, fazer projeções sobre o que convencionalmente se espera (ou não) do estilo de um gênero instrucional.

Embora não tenhamos encontrado nenhum trabalho que debruce seus esforços especificamente na caracterização do estilo de gêneros instrucionais, encontrarmos, diversos outros que buscam caracterizar esse tipo de gênero, em todos os seus aspectos. São exemplos: Dolz e Scheuwly (2010), Marcuschi (2002), Santos e Fabiani (2012) e Travaglia (2007). Por esse motivo, apropriamo-nos dessas caracterizações como um mote para que pudéssemos fazer projeções sobre as estruturas linguísticas que caracterizam o estilo de gêneros instrucionais. Passemos para essas projeções.

3. PROJEÇÕES SOBRE O ESTILO DE GÊNEROS INSTRUCIONAIS

Para iniciarmos as projeções sobre estruturas linguísticas que caracterizam o estilo dos gêneros instrucionais, partimos, em um primeiro momento, de uma definição, dada por Santos e Fabiani (2012, p.65) para esse tipo de gênero: os gêneros instrucionais são “tipos de

enunciado organizados sob uma relação discursiva de comando-execução, orientando ou proibindo ações e comportamentos”.

Dessa definição, podemos já pressupor que algumas estruturas linguísticas sejam esperadas. Para atender a característica discursiva de “comando-ação”, por exemplo, dentre outras estruturas possíveis, espera-se o predomínio de subordinadas finais – uma estrutura que permite ao locutor informar a ação que deve ser feita em função de atingir tal resultado (Ex: “você precisa parar de comer para emagrecer”). Ademais, por ter essa característica de orientação, proibição, etc, as escolhas linguísticas esperadas nesse tipo de gênero são, segundo Marcuschi (2002), majoritariamente, de aspecto injuntivo. É, pois, por isso, que podemos pressupor o aparecimento de imperativos (como em “**abra** um buraco na parede”) e, em contrapartida, o pouco aparecimento de modalizadores (como em “**talvez**, você tenha uma surpresa”).

Embutida nessa relação de comando-execução está a presença de um enunciador (aquele que prescreve ou interdita os comandos) e um enunciatário (a quem se dirigem as instruções ou interdições a serem observadas), os quais mantêm uma relação dissimétrica, intermediada pela instrução. Tal instrução, como lembra Travaglia (2007, p. 43), é o próprio conteúdo temático, pois, nesse tipo de gênero, “o conteúdo é sempre algo a ser feito e/ou como ser feito, uma ou várias ações ou fatos e fenômenos cuja realização é pretendida por alguém”. Por esse motivo, segundo o autor, nesses textos, prevê-se, o aparecimento predominante de verbos sob nuance semântica de dinamismo (ações), “normalmente indicando a condição do produtor do texto (incitador) e do interlocutor (potencial executor do comando)” (TRAVAGLIA, 2007, p. 50 *apud* SANTOS; FABIANI, 2012, p. 66). Ele acrescenta ainda que o valor temporal característico do verbo é sempre o de futuro, independentemente de sua forma.

Por ser ter esse enfoque temático na prescrição/instrução, a subjetividade perde o seu espaço nos textos instrucionais. Ou seja, neles, não interessa informações relacionadas ao enunciador ou ao enunciatário, mas sim à ação que, no espaço de conteúdo temático que ocupa, intermedeia-os. É, pois, por isso que, prevê-se, nesse tipo de gênero, a topicalização de verbos nas estruturas, de modo a ocultar os sujeitos (Ex: “borrife água levemente”). Ademais,

devido ao fato de o objetivo do gênero estar diretamente voltado para a relação entre instruções e acato (ou não) dessas instruções, prevê-se a ausência de pronomes pessoais e outras marcas de subjetividade relativas ao enunciador (1ª pessoa). Em contrapartida, prevê-se a presença de pronomes pessoais para denotar o enunciatário (2ª pessoa), já que este é continuamente evocado na sua tarefa de cumprir os passos impostos pelo enunciador. Esses pronomes, no entanto, aparecem com função majoritariamente interlocutiva/fática e não com cunho pessoal/afetivo.

Apesar dessa aparente exagerada objetividade dos gêneros instrucionais, a depender da dinamicidade do objeto/fato a ser instruído, abre-se um leque de possibilidades que precisa ser contemplado na instrução (em uma receita, por exemplo, pode haver a opção de vários recheios). É, nesses casos, que as condicionais passam a ser bem-vindas. Por exemplo: “se escolher o molho branco, acrescente queijo”.

Ressalta-se, por fim, que, devido ao objetivo que rege os gêneros instrucionais (o de que a execução da ação seja cumprida conforme o esperado), no geral, o enunciador procura ser o mais claro possível. Por assim o ser, segundo Santos e Fabiani (2012), eles costumam apresentar “linguagem precisa, frases curtas e uma ordem relativamente fixa de informações (já que a alteração dos comandos pode interferir no processo de execução)”. Essa objetividade dispensa, desse modo, o uso abundante de elementos coesivos, conjunções, pronomes anafóricos, dentre outros. Os únicos elementos coesivos que são largamente previstos nesse tipo de gênero são expressões temporais (como “primeiramente”, “antes”, “depois”, etc.), as quais contribuem para a progressão da cronologia pressuposta nas sequências injuntivas que constituem o texto instrucional.

Sem a pretensão de esgotar possibilidades, fizemos, até aqui, algumas projeções sobre alguns dos principais recursos linguísticos previstos (ou não) no processo de formação do estilo de gêneros instrucionais. Para sintetizar esses apontamentos, apresentamos, na tabela abaixo, os recursos lembrados na discussão, organizados a partir dos critérios de maior ou menor previsibilidade no gênero. Segue-os:

	+ previsível	- previsível
Subordinadas finais	✓	
Imperativos	✓	
Modalizadores		✓
Verbos dinâmicos (de ação)	✓	
Verbos no futuro	✓	
Marcas de subjetividade		✓
Topicalização de verbos nas sentenças	✓	
Ocultação de sujeitos	✓	
Pronomes de 1ª pessoa		✓
Pronomes de 2ª pessoa	✓	
Subordinadas adverbiais condicionais	*	*
Abundância de elementos coesivos		✓
Expressões temporais	✓	

Terminada essas projeções a respeito do estilo do gênero instrucional, passemos a compará-las com a atualização (estilo individual) desse gênero no texto “Como fazer a *Dendrobium* florir?”, apresentado a seguir.

4. COMO FAZER A DENDROBIUM FLORIR

O texto abaixo está publicado em um Blog intitulado “Paixão por Orquídeas”, gerenciado por Cynthia Blanco. Nesse Blog, além de dar informações e dicas sobre orquídeas, a autora mantém, por meio dos comentários, um diálogo contínuo com seus telespectadores, que são, em grande parte, donas de casas. O texto em questão, elegido como *corpus* deste trabalho, foi publicado no dia 01 de Novembro de 2011 e se propunha a dar dicas que contribuam para o aceleração do processo de floração da *Dendrobium* (nome científico para “orquídea”). Segue-o:

Como fazer a *Dendrobium* Florir?

A época de floração da *Dendrobium* é entre o fim do inverno e meados da primavera. Para florir, a *Dendrobium* precisa ser enganada com dois segredinhos que eu vou ensinar agora.

PRIMEIRO SEGREDO:

Se sua *Dendrobium* estiver em local de sombra,

ela terá mais chance de dar mudas do que flores. Por isso, é aconselhado colocar o vaso em local que pegue sol até às 10h (não ultrapasse esse horário para evitar queimaduras nas folhas). Se estiver em árvore, retire alguns galhos ou plantas que estejam na frente dela para ficar bem iluminado, mesmo que não pegue esse solzinho direto da manhã, é importante que esteja em local bem iluminado.

SEGUNDO SEGREDO:

Você vai fazer uma preparação, nos meses anteriores a época de floração, para uma forte escassez de água.

O que vamos fazer é criar um ambiente em que a planta acredite que irá morrer devido a diminuição da água.

Toda *Dendrobium* quando acha que “está nas últimas”, procura um jeito de perpetuar a espécie. Que acontece através da polinização.

Assim, a planta concentrará sua energia em flores.

Ela “sabe”, vamos dizer que essa “sabedoria” é uma herança genética, que quanto mais flores, maiores as chances de atrair insetos que irão cruzá-la com outra orquídea do mesmo gênero. Esses insetos levarão suas políneas a outra planta que irá gerar um ovário com sementes. Essas sementes viajarão com o vento e se encontrarem um ambiente favorável (com boa umidade, aeração, ...) poderão germinar e novas filhas irão surgir. A grosso modo, é isso que acontece. Bom...

Já entendemos que o segredo é causar um stress na planta com a falta de água.

Mas...

Como fazer?

É importante você saber que se trata de um ano de cuidados para chegar ao ponto da diminuição de rega. Então vamos lá!

A partir do mês de outubro ou depois que as flores caírem (para os casos das floridas), você deverá molhá-la para garantir sempre a umidade. Se estiver na árvore, faça isso diariamente ou com intervalo de um dia, se estiver em vaso, fique atento para não deixá-lo secar.

Você vai fazer isso até mais ou menos o mês de maio.

Em maio começaremos a preparar a escassez.

Agora vou dividir em dois grupos: Plantadas em árvores e plantadas em vasos.

CUIDADOS NO MÊS DE MAIO EM ÁRVORES.

Ela recebeu umidade abundante e constante nos meses anteriores, agora em maio, você irá começar a diminuir.

Passe a molhas dia sim, dia não, mas intercalando entre rega normal e borrifar levemente.

EX: Molhou abundantemente na segunda, terça não molha, quarta borrifa levemente água, quinta não molha, sexta molha abundantemente, sábado não molha, domingo borrifa....

EM VASOS:

Nos meses anteriores você manteve uma umidade constante.

Em maio você irá deixar o substrato secar completamente. Quando secar, borrife água levemente para molhar superficialmente, somente dois dias depois, mais ou menos, você irá molhar normalmente.

CUIDADOS NO MÊS DE JUNHO

EM ÁRVORES

Em junho você irá apenas borrifar levemente a água em intervalos de dia sim, dia não ou no máximo a cada dois dias. Nesse mês não deve ser regada com mangueira ou regador, apenas com borrifador.

EM VASOS

Em junho você passará apenas a borrifar água levemente. Possivelmente no dia seguinte o substrato deverá estar completamente seco. Ele deverá ficar assim por dois dias, para então borrifar levemente de novo.

CUIDADOS ENTRE JULHO E SETEMBRO EM ÁRVORES E EM VASOS

Do início de julho ao final da floração, você deverá apenas borrifar água e somente uma vez na semana. Lembre-se que é umedecer levemente as raízes e não encharcá-las.

O ideal é escolher um dia para fazer isso e manter a regularidade, ou seja, faça sempre aos sábados ou domingos ou qualquer outro dia que escolher, mas faça sempre no mesmo dia da semana. Tem pessoas que ainda são mais rigorosas na retirada de umidade, fazem esta escassez ainda mais drástica. Eu uso essa regra e tenho lindas e abundante flores.

5. PROJEÇÕES X ATUALIZAÇÃO ESTILÍSTICA

Em rápido olhar ao texto acima já é possível observar que embora seja, a priori, instrucional, ele não apresenta toda a objetividade e neutralidade que pressupõe esse tipo de texto. Abaixo, tentamos verificar o porquê dessa impressão, fazendo apontamentos a respeito dos recursos linguísticos que vão de encontro com o que se prevê para esse tipo de texto e os que não o fazem.

Para tanto, em um primeiro momento, lançamos olhar contrastivo para o texto em questão, considerando as projeções feitas anteriormente. Como adiantamos em tais projeções, devido à característica discursiva predominante de “comando-ação” do texto instrucional, preveíamos o aparecimento de subordinadas finais. Em análise ao texto, observamos que, de fato, elas ocorrem, atendendo, assim, à objetividade pressuposta no gênero. No quadro abaixo, apresentamos as ocorrências:

	Subordinadas Finais	Leitura
1	Você vai fazer uma preparação para uma forte escassez de água	Você vai fazer uma preparação a fim de provocar uma forte escassez de água.
2	Você deverá molhá-la para garantir sempre a umidade.	Você deve molhar a planta com a finalidade de garantir sempre a umidade.
3	Borrife água levemente para molhar superficialmente	Para que se atinja o objetivo de molhar a planta, você deve borrifar água levemente,
4	Para florir, a dendrobium precisa ser engadada com dois segredinhos...	A dendrobium é engadada com a finalidade de florescer,

Embora tenha havido subordinadas finais, a presença não prevista de substantivas subjetivas foi ainda mais recorrente: um total de 5 ocorrências, como se observa abaixo:

	Substantivas subjetivas
1	É aconselhado colocar o vaso em local que pegue sol até às 10h
2	... é importante que esteja em local bem iluminado

3	É importante você saber ->
4	...que se trata de um ano de cuidados para chegar ao ponto da diminuição de rega
5	O ideal é escolher um dia para fazer isso..

A prévia não previsibilidade desse tipo de ocorrência advém do fato de as substantivas subjetivas possuírem propriedades lexicais e semânticas que atribuem a elas funções modalizadoras (PANTE, 2012). São, mais especificamente, modalizações feitas pelo sujeito enunciativo sobre o valor de verdade do conteúdo expresso nas orações. Logo, é uma avaliação subjetiva a respeito do fato. Foi, pois, devido a esse caráter de subjetividade e a sua não compatibilidade com a objetividade dos gêneros instrucionais que não prevemos ocorrências como essa no texto em questão.

Em análise mais profícua a respeito das propriedades lexicais e semânticas das substantivas subjetivas, porém, notamos que a presença recorrente desse tipo de estrutura se justifica devido ao fato de, em todas elas, o sujeito fazer a avaliação sobre o valor de verdade da sentença por meio de modalizadores que possuem traços deonticos, os quais, segundo Pante (2012), “se ligam ao eixo da conduta, expressando obrigatoriedade, proibição, permissividade”. Logo, embora haja uma avaliação, julgamos que o tom de obrigação que perpassa as subjetivas acima (“é importante que”, “é ideal que”, “é necessário que”, “é aconselhado que”) atenua a indesejável subjetividade pressuposta nesse tipo de estrutura e, ao fazê-lo, contempla as exigências de um texto instrucional.

Esse tom de obrigatoriedade, porém, não se limita a tais modalizadores deonticos, mas, diferentemente, hospeda-se, em grande parte, nos próprios verbos – também de matriz semântica deontica – usados para instruir ao longo de todo o texto. Grande parte desses verbos aparece em futuro simples, muito embora tenha sido prevista uma prevalência do imperativo. Na tabela abaixo, apresentamos um levantamento dessas ocorrências.

Imperativo	Futuro
Se estiver em árvore, retire alguns..	... a partir do mês de Outubro (...) você deverá molhá-la...
Não ultrapasse esse horário...	Você vai fazer isso ...

Se estiver na árvore, faça isso..	.. você irá começar...
Fique atento..., você irá molhar normalmente.
Na terça não molha	... você irá apenas borrifar..
Quando secar, borrifar água	... você passará apenas a borrifar...
Lembre-se que.. você irá deixar...
Faça isso diariamente você deverá apenas borrifar...

Como é possível observar, todos os verbos de ação utilizados para dar instruções estão, ou no imperativo presente ou no futuro simples (auxiliar (ir) no futuro + verbo, aspectual “passar” no futuro + verbo, modalizador deontico “dever” no futuro + verbo). Todas as vezes em que os verbos apareceram em futuro simples, contudo, eles topicalizam uma sentença precedida de uma expressão temporal. Observe-se a seguir:

Você vai fazer isso até mais ou menos o mês de Maio.
... em maio, você irá começar...
.... somente dois dias depois, você irá molhar normalmente.
... em Junho, você irá apenas borrifar..
... em Junho, você passará apenas a borrifar...
.... em maio, você irá deixar...
.... do início de Julho ao final da floração, você deverá apenas borrifar...

Como havíamos previsto nas projeções, era esperado tanto o aparecimento recorrente de verbos no futuro, quanto de expressões temporais. Não prevíamos, porém, que o aparecimento de um desses elementos dependeria do outro para acontecer, já que os verbos no futuro só ocorreram quando precedidos de expressões temporais. Mais especificamente, pode-se dizer que o fato de as expressões temporais que os precediam delimitarem, no geral, um tempo bastante específico (“em maio”, “somente dois dias depois”) nos levou a pensar que isso poderia ser sintomático de que o futuro simples passaria uma ideia de mais precisão (do tipo: “isso vai acontecer!”) do que o imperativo, por exemplo, e, por isso, seria evocado sempre que tivesse uma expressão temporal com tempo mais específico. Prova disso parece ser o fato de os verbos

em imperativos só ter aparecido uma vez após uma expressão temporal com tempo determinado (“na terça, não molha”) e terem precedido expressões temporais genéricas (em: “faça isso diariamente”) além de ter aparecido alocados em adverbiais condicionais (em: “se estiver em árvores, retire algum...”; “se estiver em árvore, faça...”).

Embora tenham aparecido bastantes expressões temporais como essas, não há – como prevíamos – aquelas mais genéricas que contribuam diretamente para o processo de progressão do texto (como “após isso”, “em seguida”, etc). Apesar dessa ausência outros recursos foram usados abundantemente para o processo de coesão e progressão textual. É o caso, por exemplo, dos conectores (assim, por isso, mas, etc..) e dos pronomes anafóricos (esses, essas) em:

Conectores	Pronomes anafóricos
Por isso, é aconselhado..	Esses insetos levarão...
Assim, a planta..	Essas sementes viajarão...
Mas... como fazer?	Faça isso diariamente
... mas intercalando entre rega normal..	
... mas faça sempre no mesmo ..	

Como mencionamos nas projeções, esses tipos de elementos coesivos não são previstos em abundância em gêneros instrucionais, tendo em vista que, devido ao caráter de objetividade desse tipo de gênero, o texto deveria ser formado a partir de frases curtas e objetivas, para as quais esses elementos não se fariam necessários. Além desses, outra marca dessa falta de objetividade no texto é a presença de elementos parafrásticos como “ou seja” e modalizadores explicativos como “vamos dizer que”. A presença tanto desses elementos quanto dos conectores e pronomes anafóricos parece, a nosso ver, ser indício de que a atualização estilística feita pela autora do texto não respeita esse caráter objetivo do estilo do texto instrucional. Em análise mais atenta, observamos que todos esses elementos não estavam distribuídos aleatoriamente no texto, mas, ao invés disso, se hospedavam apenas em seu início. Com vistas a esse fato, consideramos que

o texto, em olhar bastante geral, divide-se em, pelo menos, dois momentos principais: um, o inicial (até “então vamos lá”), em que os recursos linguísticos predominantes estariam mais próximos de um gênero dissertativo (frases longas e justificadas) e outro, o do meio para o final, em que, de fato, os recursos linguísticos denotariam um estilo predominantemente instrucional.

Além desses recursos não compatíveis com a objetividade, no sentido de sinteticidade, há, igualmente, no texto, outros elementos não compatíveis com o caráter objetivo, no sentido que ele pode tomar de contrário à subjetividade. Um desses recursos que denota tal subjetividade não prevista no texto instrucional é as marcas de primeira pessoa.

Como igualmente prevemos nas projeções, a desejada ausência de subjetividade no texto instrucional acarreta a não previsibilidade de pronomes pessoais de 1ª pessoa nesse tipo de gênero. Ao longo do texto, entretanto, a autora traz essa marca pessoal diversas vezes; dessas, algumas também acrescidas de informações pessoais (como em “eu uso essa regra e tenho lindas e abundantes orquídeas”).

Ademais, a autora alterna entre a marca de 1ª pessoa do singular e a 1ª do plural para tratar de si; como em: “o que vamos fazer é criar..”. Nessa alternância, ao utilizar o “nós” inclusivo, ela assume também a posição de enunciatário, pois junta-se a ele na posição de quem é instruído fazer algo, estabelecendo, nesse movimento, uma relação de afetividade não prevista no texto instrucional. Dito de outra forma, acreditamos que o fato de a autora utilizar a 1ª pessoa do plural nos leva a pensar que, além da posição de autora do blog, ela assume a de usuário, na tentativa de aproximar-se mais deste. Essa relação de proximidade poderia ser interpretada, a nosso ver, como mais próxima de gêneros como “carta pessoal”, “conversa”, mas, apesar disso, está marcada na atualização estilística feita pela autora em uma relação de imbricação entre aspectos desses gêneros e os que constituem o texto instrucional.

Vale destacar ainda que, além dessa alternância entre 1ª do singular e 1ª do plural, notamos que essa tentativa de proximidade com o interlocutor usuário do blog se marca também na sua escolha por outros recursos linguísticos que constituem o estilo de seu texto. Alguns exemplos são os marcadores discursivos seguidos de reticências, como em “bom...” e “Mas...” e

expressões coloquiais como “está nas últimas” (embora marcada por aspas), além de expressões características de práticas mais orais de uso da linguagem, como “então vamos lá!”.

Todos esses elementos, juntos, colocam em cena a heterogeneidade em que se desenvolve a atualização estilística da autora do texto ou, mais especificamente, colocam em cena as relações intergenéricas, já que o texto em questão se desenvolveria nos limites entre (a) gêneros mais dissertativos (a presença de muitos conectores e pronomes anafóricos é indício disso) (b) gêneros em que os participantes da situação enunciativa mantêm relação de afeto/proximidade (as marcas de 1ª pessoa, os marcadores discursivos etc. denotam isso) e (c) o próprio texto instrucional (o restante dos recursos, como verbos de ação, no imperativo, subordinadas finais etc. é evidência disso).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer deste trabalho, fizemos algumas considerações que julgamos cumprir com o objetivo proposto: o de buscar indícios das relações intergenéricas no texto “Como fazer a *Dendrobium florir?*”, – a priori instrucional – a partir de uma investigação sobre como se desenvolve o estilo desse texto.

Nessas discussões, buscamos mostrar uma série de elementos linguísticos utilizados pela autora em sua atualização estilística do estilo de gêneros instrucionais. Nessa apresentação, pontuamos alguns elementos presentes no texto que, de fato, atendia as previsões do que julgamos ser convencionalmente esperado de um texto instrucional. São exemplos, as subordinadas finais, as expressões temporais, os verbos no imperativo e no futuro e os modalizadores deônticos.

Em contrapartida, pontuamos também que alguns recursos utilizados pela autora nesse processo de atualização não eram previstos convencionalmente para esse tipo de gênero, mas sim para outros. São exemplos as marcas de 1ª pessoa do singular e plural, os marcadores discursivos como “bom...”, dentre outros que, por denotarem uma tentativa de aproximação entre enunciador e enunciatário, fazia lembrar gêneros como “carta pessoal”, “conversa entre amigos” e outros em que os participantes da situação enunciativa mantêm uma relação de proximidade afetiva. Por outro lado, a presença de

conectores e pronomes pessoais, atuando como elementos coesivos no texto, fez lembrar, igualmente, gêneros de caráter mais dissertativos.

Frente a essas observações, consideramos, por fim, que a atualização estilística da autora se desenvolve nos interstícios das relações entre esses vários tipos de gêneros. Constituiu-se, portanto, em meio às relações intergenéricas.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M.; MAYRINK-SABISON, M. L. T.; FIAD, R. S. Questões do estilo e suas relações com gêneros do discurso no processo de aquisição da escrita. **Caderno estudos da linguagem**, Campinas, v. 44, p. 301-313, Jan/Jun. 2008.

ACOSTA-PEREIRA, R. Análise linguística em sala de aula: perspectivas dialógicas. **Caminhos em Linguística Aplicada**, Taubaté, v.5, n 2, p. 21-41, 2011.

_____ & RODRIGUES, R. H. Perspectivas Atuais sobre Gêneros do Discurso no campo da Linguística. **Revista Letra Magna**. UNISC, 2009.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. de Michel Lhud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Atualizada pelo Novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Lucerna: 2009.

CASTILHO, A. T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto. ISBN 978-85-7244-462-0. 2002 (768 p.)

CORRÊA, M. L. G. Heterogeneidade da escrita no ensino: das modalidades às relações intergenéricas. In: PEREIRA, L. A.; CARDOSO, I (Org). **Reflexão sobre a escrita: o ensino de diferentes gêneros de textos**. Aveiro: UA editora, 2013.

_____. O modo heterogêneo de constituição da escrita. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, v. 1, 350p.

_____. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos em Linguística Aplicada (Unicamp), v. 45 (2), p. 205-224, 2006

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. *et al.* (orgs.). Gêneros textuais e ensino. RJ: Lucerna, 2002. p. 19-36.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2003. 1037p.

POSSENTI, S. Estilo e aquisição da escrita. **Revista Estudos da Linguagem**. GEL, 1996. p. 202.

ROJO, R. Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial. 2005. P. 184-207.

RODRIGUES, R. H. **A constituição e funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. **Os Gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin**. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). Gêneros: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

SANTOS, L. W. dos; FABIANI, S. J. S. N. do. Gêneros Instrucionais nos Livros Didáticos: Análise e Perspectivas. **Revista de Letras**. n. 31, vol (1/2) jan./dez. 2012.

SOBRAL, A. U. **Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase “parasitária” de uma vertente do gênero de auto-ajuda**. Tese de Doutorado. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.

_____. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado das Letras, 2009. Série Ideias sobre linguagem.

_____. Texto, discurso, gênero: alguns elementos teóricos e práticos. **Nonada Letras em Revista**. Porto Alegre, ano 13, n. 15, p. 9-29, 2010.

TRAVAGLIA, L. C. **A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies**. Alfa. São Paulo: 2007, n. 51. p. 39-79.

RECURSOS LINGÜÍSTICOS ACTUANTES EN LA FORMACIÓN DEL ESTILO: ¿CÓMO ELLOS SE CONSTITUYEN EN INDICIOS DE LAS RELACIONES INTERGENÉRICAS?

RESUMEN: El objeto de este estudio ha sido buscar indicios de las relaciones intergenéricas en el texto “¿Cómo hacer la Dendrobium florecer?, - a priori instruccional – a partir de una investigación sobre cómo se desarrolla el estilo de ese texto. Para hacer ese estudio, hicimos en un primer momento proyecciones a respecto de las estructuras lingüísticas esperadas convencionalmente para constituir el estilo de géneros instruccionales y después las contrastamos con las utilizadas en la actualización estilística hecha por la autora del texto en análisis. Con ese movimiento de análisis, observamos que los recursos lingüísticos utilizados por la autora en esa actualización caracterizaban estilos de, por lo menos, 3 tipos de géneros diferentes: (a) los más disertativos, (b) los más personales y, por fin, (c) el propio género instruccional. Tal observación corroboró a nuestra hipótesis de que la actualización estilística se constituye en los intersticios de las relaciones intergenéricas.

PALABRAS CLAVE: Relaciones Intergenéricas; Estilo; Géneros Instruccionales.